

SOBRE O DEMÔNIO DE SÓCRATES¹

Introdução

A obra intitulada pela tradição *De Genio Socratis*, de Plutarco, escrita provavelmente a partir de 95 dec, investiga a afirmação do Sócrates de Platão de que muitas de suas ações foram abortadas devido à influência de um demônio² (em latim, um *genio*; em grego, um *daemon*³). Presume-se que o platonista Plutarco se perguntava: o que Sócrates estava a dizer? O que devia pensar sobre isto? Talvez este texto constitua o primeiro esforço de um debate que (passando por Marsílio Ficino e outros) se estende até hoje - o que é o gênio (e a genialidade)? Qual seu papel no desenvolvimento da sociedade e do conhecimento?

¹ Tradução do inglês para o português, introdução e algumas notas de Marcio Rodrigues Horta, doutor em filosofia pela USP e funcionário aposentado do TRE/SP. Supervisão do trabalho de Vitor Moura Visoni, parapsicólogo fluminense. Cumpro observar que não encontrei uma tradução desta obra de Plutarco para o português. Seu interesse inicial não foi classicista, mas parapsicológico; estudo presentemente as experiências de quase morte (EQMs) e fui levado a este escrito pela pesquisa do tema na antiguidade. Assim, o formato desta tradução não é o clássico, mas está adequado ao estudo de um tema correlato. O texto grego foi estabelecido por Phillipi Lacy & Benedict Finarson (*Moralia* VII. Harvard: University Press, 1959); a tradução para o inglês, a introdução e várias notas (identificadas como NTI) também lhes pertencem. Por fim, minhas notas estão identificadas como NTP – Bragança Paulista, 12/06/24.

² Na cultura grega antiga, os demônios eram inicialmente tidos por deuses menores. Não possuíam o *status* e nem os poderes de um Zeus, uma Atena ou um Apolo, mas não seriam humanos e fariam coisas excepcionais. A evolução da ideia conduziu certos pensadores gregos a considerá-los uma extensão da personalidade humana, enquanto outros, talvez a partir de Hesíodo, tomaram-nos por *psychés*, ou seja, almas, pessoas desencarnadas. Em *Sobre a Demora da Vingança Divina*, Plutarco apresentou um esquema bipartido da alma, que possuiria um intelecto e uma parte baixa, desejante; em *De Genio Socratis* o esquema parece mais complexo, e a palavra *daemon*, em algum momento do texto, significa também a parte da alma que permanece *fora do corpo* durante a vida de uma pessoa excepcional, capaz de receber sinais divinos (NTP).

³ No verbete *daemon*, o dicionarista F. Peters afirma o seguinte (*Termos Filosóficos Gregos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983): “1. A crença em espíritos sobrenaturais um pouco menos antropomorfizados do que os Olímpicos é uma característica muito recuada da religião popular grega; um certo *daemon* está ligado a uma pessoa ao nascer e determina, para o bem ou para o mal, seu destino (confrontar a palavra grega para felicidade, *eudaimonia*, que tem um bom *daemon*) ... Na concepção xamanística da *psyché*, *daemon* é outro nome para alma, refletindo provavelmente suas origens divinas e poderes extraordinários. Ao menos parcialmente, Sócrates está dentro da tradição religiosa arcaica quando fala de seu ‘algo divino’ (*daimonion ti*), que o aconselha a evitar certas ações (sua atuação é consideravelmente mais vasta no relato de Xenofonte, *Memorabilia* I 1 4); notável é o uso constante que Sócrates faz da forma impessoal da palavra ou do sinônimo ‘sinal divino’, talvez a ligeira correção racionalista daquilo que era uma crença popular contemporânea na adivinhação, mensagens de sonhos divinos, profecias etc., crença que Sócrates compartilhava. É provavelmente um erro pensar que Sócrates ou seus contemporâneos distinguíssem com muito cuidado *daemon* de *théon*, visto que a defesa socrática contra o ateísmo na *Apologia* 27d se assenta no argumento de que ‘crer nos *daemones* é crer nos deuses’. 2. A ideia do *daemon* como uma espécie de ‘anjo da guarda’ ainda é visível em Platão (*República* 620d), embora com uma tentativa de fuga do fatalismo implícito na crença popular pelo fato das almas individuais escolherem seu próprio *daemon* (*República* 617e). Se este *daemon* individual está ou não dentro de nós foi muito discutido na filosofia posterior. 3. Mas uma outra noção, a do *daemon* como uma figura intermediária entre os Olímpicos e os mortais, está também presente em Platão. Os verdadeiros deuses habitariam o *aether*, enquanto os *daemones* menores habitariam o *aer* inferior e exerceriam uma providência direta sobre as ações humanas. 4. Plutarco tem uma demonologia altamente desenvolvida e, com o seu típico conservantismo religioso, delinea o culto desses intermediários recuando até as fontes oriental e grega primitiva” (NTP).

Curiosamente, em *De Genio Socratis*, esse tema filosófico é debatido no interior de uma conspiração para libertar Tebas da presença de uma guarnição espartana, aliada dos oligarcas tebanos. Enquanto se preparam para agir, os conspiradores discutem a natureza do *genio* socrático. Não está claro que consenso tenha sido obtido, e várias posições do pensamento grego antigo são apresentadas e misturadas.

Quanto ao conflituoso cenário histórico, cumpre recordar que, na Guerra do Peloponeso (431-404 aec), a Liga do Peloponeso, liderada por Esparta, após vencer a Confederação de Delos, liderada por Atenas, passou a controlar a Grécia. Tebas se aliou a Esparta, mas à medida que a influência de Esparta se estendia pela Beócia, uma crise se instalou. Em 386 aec, Tebas entrou em guerra civil, pois seus oligarcas defendiam a manutenção da aliança e seus democratas desejavam uma aproximação com Atenas. Em 382 aec, os oligarcas venceram a disputa, apoiados pelo exército espartano, e impuseram uma ditadura. Uma guarnição espartana permanecia estacionada na cidade, na Cadmea, para assegurar o domínio de seus aliados. Os líderes do partido democrático se exilaram em Atenas e, com o apoio desta cidade, retornaram, expulsaram os militares espartanos de Tebas e derrubaram o governo. A libertação ocorreu em 379 aec, e é no interior deste acontecimento que o debate acerca do *genio* de Sócrates foi ambientado por Plutarco.

Durante o diálogo, o personagem Símiás, para sustentar sua posição, relata a história de Timarco, uma ocorrência que hoje é associada às EQMs,⁴ junto com a alegação de uma experiência fora do corpo (EFC).

Mantenho que a moldura do ‘mito de Timarco’ é similar à que encontramos em narrativas contemporâneas de EQMs, o que sugere que os antigos *conheciam tais ocorrências*, possivelmente considerando-as convincentes ou, ao menos, persuasivas, tanto que Plutarco, pela segunda vez, utilizou o expediente de sustentar suas convicções religiosas no interior da estrutura de uma EQM em seus escritos.⁵

⁴ A experiência de Timarco é similar àquelas narradas nas EQMs modernas. No artigo “Três Relatos Antigos de Experiências de Quase Morte: Bremmer Revisitado” (*Journal of Near-Death Studies*, 16/10/09, pp. 223-253), o classicista holandês Marinus van der Sluijs observou o seguinte: “além de realmente estar ou crer estar perto da morte, o isolamento extremo (combinado com jejum e meditação profunda) pode induzir um estado mental análogo a uma EQM. Em outras palavras, derrames, ataques cardíacos ou acidentes nem sempre são necessários para desencadear tal experiência. Um possível exemplo de EQM por isolamento ... é o caso de Timarco de Queroneia, um jovem estudante de Sócrates cuja história Plutarco ... narrou pela boca de Símiás de Tebas (sécs. 5-4 a.C.), outro seguidor de Sócrates. Jenó Platthy parece ter sido o único escritor a reconhecer o conto de Timarco como uma EQM, mas não o discutiu em detalhe”. Seguindo a orientação de Platthy e Sluijs, incluo a experiência de Timarco no rol das EQMs antigas. Inclusive, amplio a lista para quatro ocorrências conhecidas: ‘o mito de Er’, ‘o mito de Téspésio’, ‘o mito de Timarco’ e ‘o sonho de Scipião’ (NTP).

⁵ Ver *Sobre a Demora da Vingança Divina*, de Plutarco, obra na qual figura ‘o mito de Téspésio’ (NTP).

Introdução⁶

Em *De Genio Socratis*,⁷ Cafísias (irmão de Epaminondas) fornece a Arquedamos e a um distinto círculo de Atenas um relato das recentes façanhas e discussões em Tebas. As façanhas ocorreram na conspiração que libertou esta cidade do domínio espartano; as discussões ocorreram nas reuniões dos conspiradores e diziam respeito ao significado de uma inscrição antiga, à questão de quando certas vantagens deviam ser recusadas e, acima de tudo, à interpretação do sinal de Sócrates.⁸

Tebas foi libertada em dezembro de 379 a.C. A história também foi contada por Plutarco em *A Vida de Pelópidas*,⁹ breves relatos foram preservados na *Helênica* de Xenofonte,¹⁰ no *Pelópidas* de Nepos¹¹ e em Diodoro Sículo.¹² Existem diferenças irreconciliáveis entre os relatos de Plutarco, Xenofonte e Diodoro; e há até algumas discrepâncias entre o relato mais breve de Plutarco em *A Vida de Pelópidas* e seu relato mais completo aqui.¹³ No entanto, certos incidentes tais como o assassinato de Androcleides em Atenas, a execução de Ismênio, o encontro na casa de Caronte, o fracasso de Xlídon em entregar a mensagem aos exilados, a carta de Árquias de Atenas para Árquias de Tebas e o banquete oferecido para Árquias por Fílidis aparecem em Nepos ou Xenofonte (ou em ambos), assim como em *A Vida de Pelópidas*. Xenofonte difere de Plutarco ao estabelecer o número de exilados que retornaram em sete (em vez de doze),¹⁴ ao enfatizar o papel de Mélon e nem mesmo mencionar a parte de Pelópidas na façanha. E mais, estabelece um intervalo de um dia entre o retorno dos exilados e a revolta, e fornece duas versões da entrada dos conspiradores à presença de

⁶ Introdução de Phillipi Lacy & Benedict Finarson, os tradutores americanos (NTP).

⁷ Que Plutarco compôs este diálogo tendo em mente o *Fédon* de Platão foi apontado há muito tempo por R. Hirzel (*Der Dialog*, Zweiter Theil, Leipzig, 1895, pp. 148-151; cf. também W. Christ, 'Plutarcos Dialog vom Daimonion des Sokrates', in *Sitz.* Munique, 1901, pp. 59-110; K. Kahle, *De Plut. Rat. Dialogorum Componendorum*, Göttingen, 1912, pp. 17-19; e G. Lattanzi, II 'De genio Socratis' di Plutarco, Roma, 1933, pp. 15-17) (NTI).

⁸ Na Grécia antiga, as pessoas costumavam buscar um 'sinal' divino para pensar e agir. Sócrates também o fazia, alegando obter sinais amiúde: nas *Memorabilia* de Xenofonte, com frequência e para muitas coisas. Platão foi mais comedido, e seu Sócrates buscava e recebia sinais divinos apenas para agir ou não em certo sentido (NTP).

⁹ Plutarco, *A Vida de Pelópidas*, VI-XIII (NTI).

¹⁰ Xenofonte, *Helênica*, IV 1-13 (NTI).

¹¹ Nepos, *Pelópidas*, II 1; IV 1 (NTI).

¹² Diodoro Sículo, XV 25-27 (NTI).

¹³ Neste diálogo, um mensageiro chega no dia em que os exilados cruzam a fronteira, informa os conspiradores do fato e é informado onde os exilados devem se hospedar; em *A Vida de Pelópidas* (VII 4, VIII 3 281b, d) a casa onde vão se hospedar é previamente combinada. Em *A Vida de Pelópidas* (X 5 283 a-b), Caronte conta a verdade sobre sua entrevista apenas a Pelópidas, inventando uma história fictícia para o restante; neste diálogo, ele diz a verdade a todos. Em *A Vida de Pelópidas* (XI 8 283f) Cefisodoro morre antes de Leontíades ser morto, neste diálogo, depois. Novamente, neste diálogo apenas alguns dos conspiradores do grupo de Mélon se vestem como mulheres; em *A Vida de Pelópidas* (XI 2 283 c-d), todos aparentemente se vestem. Cf. Lattanzi, p. 81 (NTI).

¹⁴ Dos conspiradores nomeados no decorrer do diálogo, três (Pelópidas, Damocleides e Teopompo) evidentemente pertencem aos doze. Ficamos sabendo de mais dois, Mélon e Meneclides, em *A Vida de Pelópidas* (VIII 2 281c, e XXV 5 290f). Possivelmente Eumólpidas, Sâmidas, Lisiteus e Cefisodoro podem ser adicionados ao número; mas não há nenhuma prova de que estavam exilados (NTI).

Árquias. Na primeira, três estavam disfarçados de damas, os demais de criadas; na segunda, eles entraram como foliões. Plutarco diz que alguns se vestiam de foliões e alguns se disfarçavam de mulheres. Xenofonte prossegue dizendo que, após os sete matarem Árquias, Fílidas seguiu com três para matar Leontíades; enquanto, em Plutarco, os exilados se dividiram em dois grupos, sendo que o grupo de Mélon matou Árquias e Fílipe e o grupo de Pelópidas matou Leontíades e Hípates.¹⁵

A maioria dos personagens deste diálogo são conhecidos através de outras fontes e podem ser considerados históricos. Arquedamos é evidentemente uma figura pública ateniense com reconhecidas simpatias tebanas. Tal pessoa foi Arquedamos de Pélex, apelidado de “olhos turvos” e mencionado por Ésquines¹⁶ como alguém que ariscou muito pelo bem de Tebas. Não há evidência externa para Cafísias, que Plutarco apresenta como irmão de Epaminondas, ou de sua embaixada em Atenas. Mas não há razão para duvidar da existência de um irmão com esse nome; e as embaixadas de Tebas devem ter sido bastante frequentes em Atenas nos tempos agitados que se seguiram à libertação. Como as discussões filosóficas não são exatamente históricas, não há razão convincente para supor que os personagens exclusivamente envolvidos nelas sejam autênticos. Timarco (o herói do mito) é provavelmente uma ficção de Plutarco,¹⁷ e o mesmo pode valer para o pitagórico Theanor (literalmente, o “homem de Deus”); nenhum outro autor antigo fala deles. Nenhuma menção é encontrada em outro lugar dos conspiradores Baquilidas, Eumólpide, Hismenodoro, Lisiteus e Sâmidas; mas aqui não há razão para supor que tais nomes foram inventados. Plutarco, um patriota local, conhecia bem a história da Beócia, e há outros casos em que apenas ele preservou alguns de seus detalhes.¹⁸

O diálogo começa com uma fala de Arquedamos, que pede a Cafísias o relato dos acontecimentos de que participou e das discussões que ouviu na época. Cafísias pergunta por onde deve começar; e Arquedamos, esboçando brevemente os eventos já conhecidos por ele e pelo grupo, diz-lhe para começar com o retorno dos exilados e a derrubada¹⁹ dos tiranos.

O restante do diálogo consiste na narrativa de Cafísias: um mensageiro de Atenas informa aos conspiradores que os exilados chegarão ao anoitecer e pergunta para qual casa devem seguir. Xáron oferece sua residência. A festa, que inclui Xáron, Cafísias e Teócrito (um adivinho) receberá Árquias (o espírito líder dos oligarcas tebanos), Lisanórides (o comandante espartano) e Fílidas (um conspirador que é o secretário dos polemarcas tebanos). Teócrito é chamado para uma conversa particular com

¹⁵ Xenofonte, *Helênica* 577c, 596 c-d, 596f-598a (NTI).

¹⁶ Ésquines, *Orationes* II 139 (NTI).

¹⁷ Tal como Plutarco, Timarco é um queroneu, e seu nome presumivelmente foi modelado pelo próprio Plutarco; cf. também o detalhe não histórico sobre Lâmprocles (590a com a nota, e von Arnim, ‘Plutarco über Dämonen und Mantik,’ em *Verhandelungen d. K. Akad. van Wetenschappen te Amsterdam*, Afd. Lett. Nieuwe Reeks, Deel XXII (1921), pp. 17 ss) (NTI).

¹⁸ Cf. *Moralia* 548r-549a com a nota de Reiske: “Res Boeoticas alii auctores negligentius tractarunt, quas, ut patrias, attingere Plutarchus amat” (NTI). Em português: “outros autores tratam dos assuntos da Beócia descuidadamente, mas Plutarco gosta de abordá-los como se fossem de sua pátria” (NTP).

¹⁹ Plutarco evita os termos “assassinato” e “conspiração” (NTI).

Lisanórides, e Fílidas, chamando Cafísias de lado, fica sabendo que os exilados chegaram naquela noite e se felicita por ter escolhido aquele momento para um banquete no qual Árquias será embriagado. Na casa de Símiás, ponto de encontro dos conspiradores, Fidolau pede ao grupo que espere, pois Símiás está reunido com Leontíades, um oligarca influente, intercedendo pela vida de Anfiteus, um democrata preso.

Enquanto esperam, Teócrito pergunta a Fidolau sobre as descobertas feitas pelos espartanos, que escavaram a tumba de Alcmenae no território da cidade natal de Fidolau, Haliarto. Uma inscrição em caracteres desconhecidos foi a descoberta mais notável, e Agesilau informou ter enviado uma cópia ao Egito para os sacerdotes interpretarem.

Entrementes, Leontíades vai embora. O grupo entra e encontra Símiás muito abatido; sua intercessão evidentemente falhou. Como Símiás havia retornado recentemente do Egito, Teócrito pergunta se os sacerdotes conseguiram ler a inscrição. Símiás responde que o documento foi interpretado por um sacerdote com quem Platão e ele estudaram filosofia; continha a ordem divina de que os gregos deviam resolver suas disputas apelando não para as armas, mas para as Musas e a discussão. Platão se lembrou dessa mensagem quando delianos o consultaram sobre a duplicação do cubo: eles receberam um oráculo no sentido de que, quando o altar cúbico de Delos fosse duplicado,²⁰ as misérias de Delos e de toda a Grécia estariam no fim. Platão prometeu ajudar, mas disse-lhes que o verdadeiro propósito de Apolo era incitar os gregos a cultivar a geometria, sendo necessária grande proficiência para a solução, e acabar com a guerra acalmando suas paixões através de atividades matemáticas e filosóficas.²¹

Assim termina a primeira discussão. Polímne, o pai de Epaminondas e de Cafísias, agora entra com a notícia de que Epaminondas está trazendo um estranho pitagórico que passou a noite no túmulo de Lísis, um pitagórico que havia ensinado filosofia aos filhos de Polímne.²² O estranho pretendia remover os restos mortais para a Itália, caso nenhum sinal dos deuses o impedisse; e trouxe uma grande soma em ouro, com a qual fez questão de recompensar Epaminondas por ter sustentado Lísis em sua velhice.

Em uma explosão de indignação com as práticas supersticiosas do estranho, Galaxidoro denuncia a farsa religiosa em geral, contrastando-a com a simplicidade e franqueza de Sócrates. Teócrito retruca que, não obstante, Sócrates recebia um sinal divino; a isto Galaxidoro responde que Sócrates se deixava guiar pelos sinais da divinação comum (espíritos e observações casuais ouvidas) apenas quando os fundamen-

²⁰ Cf. *Moralia* 386e. Para “o problema Deliano”, a saber, construir um cubo com o dobro do volume de outro cubo, cf. Théon de Esmirna, p. 2 (ed. Hiller). Cf. também *Moralia* 718 e-f; E. Hiller, *Eratothenis Carminum Rel.* pp. 122-137; M. Cantor, *Vorlesungen über Gesch. d. Math.*³ I pp. 211, 226-234; T. Heath, *A Hist. of Greek Math.* I pp. 244-270; I. Thomas, *Sel. Illustr. the Hist. of Greek Math.* I pp. 256-308 (NTI).

²¹ Platão não era pacifista. Neste diálogo, sugere a cidadãos de Delos (a sede da confederação liderada por Atenas) que não façam mais guerra, o que na ocasião favoreceria Esparta, cidade pela qual notoriamente nutria simpatias, mesmo tendo nascido e residindo em Atenas (NTP).

²² Mais à frente, Theanor, um pitagórico, apresentado como o ‘estranho’, dirá o seguinte a respeito de Lísis: “sua alma, julgada, já foi unida por sorteio a outro demônio e liberada para outro nascimento” (NTP).

tos racionais para uma decisão estavam empatados.²³ Polímne acrescenta que ouviu dizer que o sinal era um espirro, mas fica surpreso que Sócrates não o tenha chamado assim. Galaxidoro responde que o espirro era um mero instrumento, sendo o verdadeiro agente o divino; e Sócrates, que conhecia o uso adequado das palavras, falava, portanto, em receber sugestões do divino (*to daimonion*) e não de seu instrumento.

A conversa é interrompida pela entrada de Epaminondas e do pitagórico. Theanor (pois este é o nome do estranho) implora ao grupo que julgue o caso: Epaminondas rejeita o dinheiro oferecido. Segue-se um diálogo entre os dois sobre a questão de quando é correto aceitar um benefício; e Epaminondas justifica sua recusa pela necessidade de se abster até mesmo de ganhos legítimos, caso isto o faça passar a se permitir lucrar com a injustiça. A decisão de Símias é que os debatedores devem resolver a questão por si mesmos.

Fílicas agora entra com Hiposteneide, outro conspirador, e chama Xáron, Teócrito e Cafísias de lado. Parece que Hiposteneide, alarmado entre outras coisas por um sonho sinistro, enviou um mensageiro montado para encontrar os exilados na fronteira e dizer-lhes que voltassem. Teócrito mostra que o sonho era na verdade um preságio propício, e o episódio termina bem quando o mensageiro aparece e conta que uma briga violenta com sua esposa o impediu de partir.

Cafísias e Teócrito retornam a Símias, que respondia a Galaxidoro no intervalo e agora apresenta sua própria teoria. O sinal era a percepção de Sócrates da linguagem não falada de poderes mais elevados.²⁴ E Símias prossegue, contando a história ou ‘o mito de Timarco’. Eis a substância de ‘a visão de Timarco’: todas as almas têm entendimento ou intelecto, mas algumas estão tão profundamente imersas no corpo que seu entendimento perde seu caráter e se torna irracional. Outras almas permanecem parcialmente afastadas do corpo, e a porção não imersa neste é chamada de demônio. As almas que obedecem a este demônio desde seus primeiros anos são aquelas dos videntes e dos homens divinos, e assim era Sócrates.²⁵

Theanor tem a última palavra. Pondo de lado o mito [de Tespésio], combina partes das explicações de Símias e de Galaxidoro, sustentando que os deuses veem certas pessoas com favor especial²⁶ e se comunicam com elas²⁷ diretamente através de símbolos. A outras almas, os deuses ajudam indiretamente: quando o ciclo de nascimentos termina,²⁸ os homens bons se tornam demônios e os deuses permitem que chamem e ajudem quem se aproxima do fim de seu ciclo.

²³ O que parecia ser um elogio racionalista a Sócrates acaba por se apresentar como um problema: Galaxidoro sustenta que Sócrates *decidia* entre posições equivalentes com base em um *sinal divino* (NTP).

²⁴ Postulação interessante, desconsiderada por parte substantiva das teorias do conhecimento modernas (NTP).

²⁵ Portanto, Sócrates teria uma parte de sua alma fora de seu corpo, sendo seu demônio uma extensão de si mesmo (NTP).

²⁶ Por conseguinte, os deuses têm favoritos – e teriam razões para tanto. O Sócrates de Xenofonte concorda com este favoritismo (NTP).

²⁷ Tese que, adaptada e bem mais tarde, no interior do cristianismo, será chamada de *mediunidade* pelo moderno espiritualismo. Aquele que percebe será o intermediário, o *médium* de uma comunicação. Tal como Allan Kardec, Plutarco, nessa passagem, identifica a origem desta doutrina no pitagorismo (NTP).

²⁸ Interessante informação do estado do pensamento pitagórico na ocasião. Quando “o ciclo de nascimentos termina” significa que algumas almas progrediram tanto que não precisam mais reencarnar, sendo promovidas

Na conclusão da discussão, Teócrito, Galaxidoro e Cáfisias exortam Epaminondas a se lhes juntar para matar os oligarcas, e Epaminondas apresenta seus motivos para recusar.

Perto do anoitecer, os exilados invadem a cidade e se reúnem na casa de Caronte. Quando todos os conspiradores estão reunidos, dois oficiais aparecem e convocam Xáron à presença de Árquias e de Fílipos. Os demais, convencidos de que a trama foi descoberta, preparam uma surtida desesperada, quando Caronte volta com a alvissareira notícia de que os magistrados não têm informações claras e já estão bêbados.

Os conspiradores partem em dois grupos, um para atacar Leontíades e Hípates, o outro, Árquias e Fílipos. Entremontes, uma carta é entregue a Árquias, revelando toda a trama. O portador diz que a missiva trata de negócios sérios; mas Árquias a enfia debaixo da almofada com o comentário de que negócios sérios podem esperar até amanhã. Os dois grupos são completamente bem-sucedidos: Árquias, Fílipos, Leontíades e Hípates são todos mortos. Epaminondas e seus seguidores se juntam aos conspiradores e convocam os cidadãos às armas. Os simpatizantes de Esparta fogem para a cidadela²⁹ e a guarnição, aterrorizada, não desce até a cidade baixa. Os espartanos capitulam e retiram suas forças.

Pela própria natureza de seu cenário dramático, o *De Genio Socratis* não contém nenhuma referência aos eventos da época de Plutarco. Assim, nenhuma data absoluta pode ser fixada. Von Arnim, comparando os mitos do *De Defectu Oraculorum*, *De Facie in Orbe Lunae*, *De Genio Socratis* e *De Sera Numinis Vindicta*, supõe que os quatro foram compostos nesta ordem. Se assim for (e muitos de seus argumentos são pouco convincentes), *De Genio Socratis* teria sido escrito depois de 95 [d.C.] ou por volta disso, data aproximada da eleição de Plutarco para o sacerdócio de Delos.

à condição de demônios. A partir daí, passam a ajudar quem está perto do fim do “ciclo de nascimentos”, presumo que tal como Hermótimo de Clazômenas, como se verá na sequência (NTP).

²⁹ Fugiram para uma elevação rochosa chamada ‘Cadmea’, lugar em que a guarnição espartana permanecia estacionada (NTP).

O Mito de Timarco

...

9. “Bom Deus!” exclamou Galaxidoro. “Como é difícil encontrar um homem desprovido de farsa e de superstição! Sem desejarem, alguns homens sucumbem a tais desordens por ignorância ou fraqueza, enquanto outros, para serem reputados como favoritos do divino e superiores ao tipo comum, revestem seus atos de um caráter de santidade, ocultando que sua inteligência se associa a um manto de sonhos, aparições e demais pantomimas. Para os homens envolvidos em negócios públicos, compelidos a viver ao capricho de uma multidão obstinada e licenciosa, isto pode ter sua utilidade – fazer da superstição da população um freio e, assim, puxá-la de volta ao curso vantajoso e corrigi-la.

Porém, para a filosofia, tal aparência externa parece não apenas inapropriada, mas em aberto conflito com suas reivindicações. Professando ensinar todo o bem e o proveitoso apenas pelo uso da razão, a filosofia, não obstante, retira-se do governo da conduta para se refugiar nos deuses, como se negligenciasse a razão e desprezasse a demonstração, tornando sua principal excelência mentir, recorrer à divinação e às visões obtidas em sonhos, em que o menor dos homens muitas vezes é tão recompensado com o sucesso quanto o maior. Por esta razão, Símias, penso que seu amigo Sócrates adotava um modo de ensinar e de falar mais imbuído do verdadeiro cunho filosófico, escolhendo a simplicidade e a sinceridade devido à sua virilidade e grande afinidade com a verdade; quanto à farsa cujo vapor se pretendesse filosófico, ele a enviava voando aos sofistas”.

“O que é isso, Galaxidoro?” Teócrito interrompeu. “Mêto também o convenceu de que Sócrates não tinha utilidade para as coisas divinas? Esta foi a acusação que Mêto fez contra ele perante os atenienses”.

“As coisas realmente divinas”, Galaxidoro respondeu, “Sócrates de modo algum ignorava; mas ele apanhou a filosofia (deixada por Pitágoras e seus seguidores como presa para fantasmas,³⁰ fábulas e superstições, e por Empédocles em um estado de selvagem exaltação) e a treinou para arrostar a realidade com uma compreensão firme, por assim dizer, confiando na sóbria razão ao buscar a verdade”.

10. “Muito bem”, disse Teócrito; “porém, caro senhor, como chamaremos o sinal³¹ de Sócrates? Uma impostura?³² De minha parte, nada relatado sobre a habili-

³⁰ G. Meautis, *Recherches sur le pythagorisme* (Neuchatel, 1922), pp. 34 s, compara *Moralia* 564d e 300c para mostrar que se a aparição piscasse os olhos ou projetasse uma sombra seria considerada como pertencente a uma pessoa viva (NTI). A distinção entre aparições de pessoas vivas e de pessoas mortas já era, portanto, feita na antiguidade (NTP).

³¹ *Daimonion* (aqui traduzido como “sinal” ou “sinal do divino”) é literalmente “a coisa divina” ou (pressionando a etimologia) “a coisa demoníaca” (NTI).

³² Sócrates foi acusado também de introduzir novas divindades de sua própria autoria em Atenas - seu *daemon*, decerto. Na *Apologia*, Platão o fez dizer: “em mim ocorre algo de divino e de demoníaco (justamente aquilo que Mêto, zombando, escreveu também em seu libelo acusatório). E tal fato começou comigo na infância. Ouço uma voz e, toda vez que isto acontece, ela sempre me desvia do que estou a ponto de fazer, mas *nunca*

dade de Pitágoras em divinação me pareceu tão grande ou divino; pois exatamente como Homero representou Átena como ‘permanecendo ao lado de Odisseu durante todos os seus trabalhos’, assim o divino parece ter se ligado a Sócrates desde seus primeiros anos, como seu guia na vida, uma visão do tipo que por si só

‘mostrou-lhe o caminho, iluminando seus passos’³³

em assuntos obscuros e inescrutáveis à sabedoria humana, pela frequente concordância do sinal com suas próprias decisões, às quais emprestava uma sanção divina.

Para outros e maiores exemplos, você deve perguntar aos demais amigos de Símiias e de Sócrates; mas eu mesmo estava presente (eu tinha vindo visitar Eutífron, o adivinho) quando Sócrates (você se lembra do incidente, Símiias?) ascendia ao *Symbolon*³⁴ para a casa de Andócides, fazendo algumas perguntas a Eutífron e sondando-o de brincadeira. De repente, parou e permaneceu em silêncio, perdido por um bom tempo em pensamentos; finalmente, ele voltou, tomando o caminho da rua dos marceneiros e chamou os amigos que já se iam para que retornassem, dizendo que um sinal o havia alcançado. A maioria voltou até ele (eu estava com este grupo, agarrado a Eutífron); mas alguns jovens seguiram em frente, imagino que desacreditando do sinal de Sócrates, e arrastaram Carilo, o flautista, que também veio a Atenas comigo para visitar Cebes. Enquanto caminhavam pela rua das estátuas, passando pelos tribunais, foram recebidos por uma vara de porcos, cobertos de lama e tão numerosos que se apertavam uns contra os outros; e como não havia para onde escapulir, os porcos correram até alguns jovens e os derrubaram, sujando o restante. Carilo voltou para casa como os outros, com as pernas e as roupas cobertas de lama; de modo que sempre mencionamos o sinal de Sócrates com risos, ao mesmo tempo maravilhados que o divino nunca o tenha abandonado ou negligenciado”.

11. “Então, Teócrito, você supõe”, respondeu Galaxidoro, “que o sinal de Sócrates tinha algum poder peculiar e extraordinário, e que ele (ao validar por experiência alguma regra de divinação comum) não levava em conta o sinal em assuntos obscuros e além do alcance da razão? Um único dracma³⁵ não inclina uma viga por si só; todavia, quando unido a um peso em equilíbrio com outro peso, inclina todo o seu conjunto para baixo. Um espirro, alguma observação casual ou um presságio não podem, sendo triviais e leves, inclinar uma mente pesada à ação; mas quando se unem a

me ordena a fazer”. E continua: “foi o Deus que me ordenou fazer [filosofia], em vaticínios, sonhos e por outros meios pelos quais algumas vezes a vontade divina ordena a um homem que faça algo” (itálicos meus). A contradição acima não é aparente - o tema é difícil mesmo para Sócrates e seus discípulos (NTP).

³³ Homero, *Iliada* XX 95; cf. *Odisseia* XIX 34 (NTI).

³⁴ *Symbolon* talvez fosse uma praça da cidade - em forma de D, a julgar pelo nome; cf. W, Judeich, *Topographie von Athen*², p. 178 (NTI). *Symbolon* pode até ter sido uma praça, como imaginam os estudiosos americanos; todavia, a frase de Plutarco de que ‘Sócrates ascendia ao símbolo’ é muito sugestiva no contexto (NTP).

³⁵ *Dracma* era uma moeda ou uma medida de peso na Grécia antiga (NTP).

uma de duas razões opostas, resolvem o dilema destruindo o equilíbrio e, assim, permitem que surja um movimento e uma propulsão”.³⁶

“Exatamente, Galaxidoro”, meu pai interrompeu. “Soube por alguém da escola megárica, que soube por Térpsion, que o sinal de Sócrates era um espirro, seu e de outros: assim, quando alguém espirrava à sua direita (seja atrás ou na frente), ele passava à ação, mas se o espirro viesse da sua esquerda, desistia; quanto aos seus próprios espirros, se um ocorria quando estava a ponto de agir, o que estava disposto a fazer se confirmava, mas se um ocorria após já ter começado a agir, ele se controlava e parava. Mas me surpreende que, supondo que confiasse em espirros, Sócrates não falasse com seus amigos de ser assim instigado ou dissuadido, mas por um sinal divino. Pois aqui novamente, caro amigo, temos uma forma de afetação e de vanglória ocas, e não a sinceridade e a simplicidade que fizeram, ao nosso ver, Sócrates verdadeiramente grande e superior à generalidade dos homens - ser perturbado em momentos estranhos por coisas externas tais como uma voz ou um espirro e, assim, desviar-se de suas ações e abandonar suas decisões.

Não, observa-se que os movimentos de Sócrates tiveram uma força e uma intensidade indeléveis em tudo o que fez, o que implica que foram obtidos por um julgamento com fundamentos corretos e poderosos. Ele permaneceu pobre por toda a vida por sua própria vontade, quando poderia ter tido dinheiro (os doadores ficariam encantados e agradecidos ao vê-lo aceitar); apesar de muitos obstáculos e mesmo no fim (embora seus seguidores não tenham poupado esforços para salvar sua vida e tenham concebido um plano de fuga perfeitamente viável), nem para ceder às súplicas dos seus e nem para vacilar com a aproximação da morte Sócrates abandonou a filosofia, enfrentando seus temores com raciocínio inabalável. Estes não são atos de um homem cujas opiniões estão à mercê de vozes ou de espirros, mas de alguém guiado por uma autoridade e princípio mais elevados no sentido de uma conduta nobre.

Também ouvi que Sócrates previu a alguns de seus amigos a derrota das forças atenienses na Sicília. E ainda mais: Pirilampo,³⁷ filho de Antífon (que havia sido ferido por uma lança e feito prisioneiro por nós na perseguição em Délion), foi informado pelos comissários que vieram de Atenas para negociar uma trégua que Sócrates havia alcançado a costa em Oropos³⁸ com Alcebíades e Laques, voltando para casa são e salvo. Pirilampo passou a invocar frequentemente o nome de Sócrates e fornecer nomes de alguns amigos e membros de sua companhia (que haviam fugido com ele para o Monte Parnes, acabando mortos por nossa cavalaria) que tinham desconsiderado o sinal de Sócrates (não seguindo sua liderança na retirada da batalha) e tomado um caminho diferente. Símiás também já ouviu falar disso, creio”.

³⁶ A estática de Plutarco pode estar errada. Nesse caso, ele inferiu o processo físico a partir do mental: cf. *Moralia* 1045 a-c (NTI).

³⁷ Pirilampo era o padrao de Platão (NTI).

³⁸ “Em Oropos” traduz uma conjectura. Tucídides (IV 96 7) menciona três rotas tomadas pelos atenienses derrotados: para Délion e o mar, para Oropos e em direção a Parnes. Sem dúvida, a deterioração do texto grego oculta uma referência a um dos dois primeiros (NTI). Délion e Oropos eram pequenas cidades da Beócia (NTP).

“Muitas vezes”, disse Símiás, “ouvi de várias pessoas; pois esses eventos levaram a muita conversa em Atenas sobre o sinal de Sócrates”.

12. “Então, Símiás”, disse Fidolau, “devemos deixar que Galaxidoro, por brincadeira, reduza tão poderosa capacidade de divinação a espirros e observações casuais? A própria multidão ignorante só confia nisso em assuntos triviais e em humores lúdicos; porém, quando perigos mais graves e ações de maior importância a confronto, as palavras de Eurípedes se tornam realidade:

‘ninguém fala de tais tolices quando a briga se aproxima’”.

“Estou pronto, Fidolau”, retorquiu Galaxidoro, “para ouvir o que Símiás tem a dizer sobre tais assuntos, se ele próprio ouviu Sócrates falar deles, e partilhar de sua serenidade; mas o que você e Polímnis disseram não é difícil de refutar. Pois assim como para a medicina um pulso rápido ou uma bolha (irrelevantes em si mesmos) é um sinal de algo nada insignificante e, para um capitão, o som de um pássaro marinho ou a passagem de uma nuvenzinha amarela indica vento e maré alta, para uma mente especializada em divinação um espirro ou uma expressão aleatória (em si mesmos sem grande importância) pode já ser um sinal de algum evento importante; pois, em nenhuma arte, a previsão de grandes coisas a partir de pequenas, ou de muitas coisas a partir de poucas, é negligenciada.

Não; caso um homem ignorante do significado da escrita, ao ver algumas letrinhas feias, duvide que uma pessoa letrada³⁹ consegue extrair daí a história de grandes guerras que aconteceram aos homens no passado, da fundação de cidades, de atos e sofrimentos de reis e, então, afirme que o que revelou e contou tudo isto a um estudante de história foi algo divino, você, meu amigo, seria levado a gargalhar com a simplicidade do sujeito. Portanto, também aqui tome cuidado para que não haja simplicidade em nós, em nossa ignorância do significado para o futuro dos vários sinais interpretados pela arte da divinação, e nos ressintamos da noção de que um homem de inteligência possa obter daí alguma informação sobre coisas ocultas à nossa vista - e isto também quando é o próprio homem que diz que não é um espirro ou uma expressão que guia seus atos, mas algo divino.

Pois, agora, devo lidar com você, Polímnis, que está surpreso que Sócrates, um homem que por ausência de impostura e afetação, mais do que qualquer outro, fez filosofia humana, não tenha chamado seu sinal de um ‘espirro’ ou um ‘presságio’, mas em alto estilo trágico de “o sinal do divino”. Pelo contrário, eu ficaria surpreso se um mestre em dialética e do uso das palavras, tal como Sócrates, tivesse falado em receber insinuações não do ‘divino’, mas do ‘espirro’: é como se um homem dissesse que a flecha o feriu, e não o arqueiro com a flecha, ou que a balança (e não quem pesa com a balança) mediu o peso. Pois o ato não pertence ao instrumento, mas à pessoa a quem o instrumento pertence, que o utiliza para o ato; e o sinal usado pelo poder que sinaliza

³⁹ Para uma comparação da divinação com a leitura, cf. Plotino, *Enn.* III 1 6 (NTI).

é um instrumento como qualquer outro. Mas, como eu disse, se Símias tiver algo a dizer, devemos ouvi-lo, pois ele está mais bem informado”.

...

20. “Os homens já estavam adiantados em uma investigação de alcance nada trivial, aquela que Galaxidoro e Fidolau haviam se engajado pouco antes, quando o problema da natureza e do modo de operação do assim chamado sinal de Sócrates foi levantado.⁴⁰ Não ouvimos a resposta de Símias ao argumento de Galaxidoro; em seguida, Símias passou a recordar e disse que uma vez perguntou a Sócrates sobre o assunto sem receber uma resposta e, portanto, nunca mais perguntou. Porém, ouviu frequentemente Sócrates expressar a opinião de que os homens que reivindicavam um contato visual com o divino eram impostores, enquanto àqueles que afirmavam ter ouvido uma voz, ele prestava muita atenção e sinceramente solicitava detalhes”.

“Assim, ocorreu-me (Símias continuou a dizer, enquanto examinava essa questão em particular) conjecturar que o sinal de Sócrates talvez não fosse uma visão, mas antes a percepção de uma voz ou ainda a apreensão mental de uma linguagem que o alcançava de algum modo estranho.

Isso ocorre no sono, quando nenhum som é emitido e imaginamos (ao recebermos a impressão ou a noção de certas declarações) que ouvimos pessoas falando. Alguns homens realmente têm este tipo de percepção em sonhos e ouvem melhor dormindo (quando o corpo está quieto e imperturbável) e, quando estão acordados, sua alma ouve poderes mais elevados apenas fracamente. Ademais, quando estão sobrecarregados pelo tumulto das paixões e das distrações dos desejos, não conseguem ouvir ou atender a mensagem; ao contrário, Sócrates entendia que, sendo puro e livre de paixões (pouco se misturando ao corpo, senão para os fins necessários), era tão sensível e delicado que respondia imediatamente ao que o alcançava.⁴¹

Pode-se conjecturar que aquilo que o alcançava não era a linguagem falada, mas as palavras não pronunciadas de um demônio, que estabelecia contato sem voz com sua inteligência e apenas por seus sentidos.⁴² Pois a fala é como um golpe;⁴³ quando conversamos uns com os outros, as palavras são forçadas a atravessar nossos ouvidos e a alma é compelida a absorvê-las; ao passo que a inteligência de um poder

⁴⁰ Curiosamente, o levante está na iminência de começar, com os magistrados tebanos já presentes na festa, e alguns ativistas permanecem engajados no debate sobre o sinal de Sócrates. Após Símias contar o ‘mito de Timarco’, os democratas ainda ouvem Theanor para, finalmente, seguirem para matar os oligarcas (NTP).

⁴¹ Plutarco identifica no próprio Sócrates a opinião de que a ‘santidade’ se relaciona à ‘paranormalidade’. Parece que a relação entre moral e paranormalidade se apresenta mais complexa e obscura; porém, esta tese é corrente ainda hoje em certos círculos espiritualistas (NTP).

⁴² Cf. Calcídio, CCLV, p. 288: “ora, penso, a voz que Sócrates ouvia não era daquela gerada quando o ar é atingido; ao contrário, revelou à sua alma que era, em razão de sua grande pureza, impoluta e, portanto, mais perceptiva à presença e à companhia de sua divindade familiar, já que apenas os puros conseguem se encontrar e se misturar aos puros. E, como nos sonhos, imaginamos ouvir vozes e palavras da linguagem falada; porém, neles não há voz, mas apenas significado, fazendo as vezes da voz; assim, a mente de Sócrates, pelo símbolo de um vívido sinal, conseguia perceber na vigília a presença da divindade” (NTI).

⁴³ Para definições e descrições da “fala” ou “voz” (*phoné*) como uma “golpe no ar”, cf. Platão, *Timeu* 67b, e Aristóteles, *De Anima*, II 8 (420b 29) (NTI).

mais elevado guia a alma dotada (que não requer golpes) pelo toque de seu pensamento; e, por sua vez, a alma cede ao afrouxamento e ao aperto de seus movimentos pela inteligência mais elevada. Nenhuma restrição é exercida, pois nenhuma paixão puxa para outro lado, e os movimentos da alma respondem fácil e delicadamente, como se por rédeas. Isto não deve surpreender, pois observamos que grandes navios mercantes são conduzidos por pequenos lemes e que as rodas dos oleiros giram uniformemente ao toque da ponta de um dedo; pois as rodas, apesar de inanimadas, são feitas para girar facilmente e se moverem tão suavemente que respondem à menor pressão do oleiro.

A alma do homem (que permanece amarrada com numerosos movimentos internos, como que por cordões elásticos),⁴⁴ quando tratada racionalmente, é de longe o mais sensível de todos os instrumentos, movendo-se com um leve impulso para o objetivo concebido pelo entendimento. Pois é aqui, no entendimento, que os objetivos são concebidos rápidos e tensos, e que as paixões e os movimentos internos têm sua origem; quando o objetivo é estabelecido, os cordões são puxados e, assim, exercem tração sobre o homem e lhe dão tensão. Com efeito, é principalmente por causa disto que somos capazes de compreender o grande poder de uma ideia. Pois ossos, tecidos e carnes insensíveis e saturados de humores, que constituem uma massa inerte e prostrada, no instante em que a alma concebe um propósito no entendimento e coloca seu conjunto em movimento para esse fim, surgem como um todo, tensos e coordenados em todas as suas partes, voando como se tivessem asas para conduzir a ideia à execução.

Ademais, não é uma tarefa difícil ou desesperada compreender por qual modo de impacto, coordenação e sugestão a alma recebe um pensamento e, assim, com seus movimentos, arrasta atrás de si a massa corpórea. Mas, se o corpo é movido com tão pouca dificuldade por uma noção que adentra o entendimento sem a ajuda da linguagem falada, penso que não é difícil crer que o entendimento possa ser guiado por uma alma divina e um entendimento mais elevado, que dele se apodera vindo de fora e por um toque (o modo pelo qual é da natureza do pensamento interferir com o pensamento),⁴⁵ tal como a luz produz um reflexo. Pois, na verdade, nosso reconhecimento dos pensamentos uns dos outros por meio da palavra falada é como tatear no escuro; ao passo que os pensamentos dos demônios são luminosos e lançam sua luz sobre o homem demoníaco. Seus pensamentos não precisam de verbos ou de substantivos, que os homens usam como símbolos em suas relações e, assim, contemplam meras falsificações e semelhanças do que está presente no pensamento – sem a consciência dos originais, salvo aquelas pessoas iluminadas, como eu disse, por algum brilho especial e demoníaco.

Mesmo assim, de certo modo, o fenômeno da fala serve para dissipar as dúvidas dos incrédulos. Pois, ao receber a impressão de sons articulados, o ar é totalmente transformado em linguagem e fala e transmite o pensamento à alma do ouvinte. En-

⁴⁴ *Hyspleges* (traduzidos como “cordões elásticos”) são provavelmente cabos retorcidos que forneciam a força motriz a certos autômatos antigos (cf. Hero, *Automata* II 8) (NTI).

⁴⁵ “Pensamento” (*logos*) pode significar noção ou a alma racional (NTI).

tão, devemos nos surpreender que o ar, com sua pronta suscetibilidade, também se transforme pelas meras ideias de seres mais elevados e, assim, indique aos homens divinos e excepcionais o significado de quem concebeu a ideia?⁴⁶ Pois assim como o som dos golpes dos sapadores é detectado pelos escudos de bronze,⁴⁷ que ressoam quando o som sobe das profundezas da terra e os atinge, enquanto em tudo o mais passa despercebido, assim as mensagens dos demônios passam por todos os outros homens, encontrando eco apenas naqueles cujo caráter é sereno e a alma imperturbável - os homens que, de fato, chamamos de santos e de demoníacos.

Por outro lado, na crença popular, é apenas durante o sono que os homens recebem inspiração do alto; e a noção de que são assim influenciados quando acordados e em plena posse de suas faculdades é considerada estranha e incrível. É como supor que um músico usa sua lira quando as cordas estão frouxas, mas não a dedilha ou toca quando está ajustada a uma escala e afinada. Esta crença surge da ignorância da causa desta insensibilidade: a falta de sintonia interior e a confusão nos próprios homens. Disto meu amigo Sócrates estava livre, tal como exemplifica a mensagem entregue a seu pai quando ele ainda era menino. O oráculo lhe ordenou que deixasse a criança fazer tudo o que lhe viesse à cabeça, não violentar seus impulsos ou os desviar, mas permitir que tivessem livre curso, não se preocupando mais com ele do que rezar ao Zeus da Ágora⁴⁸ e às Musas, certamente significando com isto que Sócrates tinha um guia de vida melhor em si mesmo do que mil monitores e professores”.

21. “Eis a noção, Fidolau que, de nossa parte, mantivemos do sinal de Sócrates enquanto ele estava vivo e ainda mantemos agora que está morto; temos pouca utilidade para quem o explica por observações casuais ouvidas, espirros ou coisas semelhantes. Acerca disso, talvez seja melhor nem contar a história de Timarco de Quêroneia, por se assemelhar mais a um mito ou ficção do que a um argumento”.⁴⁹

“Por favor não”; disse Teócrito, “deixe-nos conhecê-la; pois também os mitos, apesar do jeito vago com que o fazem, têm um modo de alcançar a verdade. Mas primeiro nos diga: quem foi Timarco, pois não reconheço o nome”.

“Não se admira, Teócrito”, disse Símiás, “pois Timarco morreu muito jovem, após pedir permissão a Sócrates para ser enterrado ao lado de Lâmprocles,⁵⁰ fi-

⁴⁶ Símiás sugere que o ar é o veículo da informação divina (NTP).

⁴⁷ Cf. Heródoto IV. 200 2-3; Aeneas Tacticus, XXXVII 6-7 (NTI).

⁴⁸ Ou seja, ao “Zeus do mercado”: cf. *Moralia* 789d, 792f. Para as conversas de Sócrates no mercado, cf. Platão, *Apologia* 17c (NTI). A Ágora era a ‘praça pública’, um lugar popular que permitia várias atividades, inclusive o comércio. Há aqui uma ironia que rebaixaria a divindade: Zeus era o principal deus do panteão grego, e seu lugar seria no Olimpo, em um trono. Era concebido como o mandachuva, o Zeus pluvioso; em uma sociedade agrária, o deus que faz chover é o mais importante. Aristófanes, em *As Nuvens*, apresentou Sócrates em confronto com esta divindade, ao sustentar indiretamente, pela voz de um aluno, que “nem sequer existe um Zeus”, enquanto o pai do rapaz, um agricultor, rezava para propiciar o deus e obter chuva. Mêleto, um dos acusadores de Sócrates no tribunal, também interpretou que havia um conflito direto. Na *Apologia*, afirmou que: “por Zeus, ó juízes: ele disse de fato que o sol é uma pedra, e a lua, terra” (NTP).

⁴⁹ Para a distinção entre “mito” e “argumento”, cf. *Moralia* 561b e nota (NTI).

⁵⁰ Lâmprocles (o filho mais velho de Sócrates) estava presumivelmente vivo na época da morte de seu pai (cf. Zeller, *Die Phil, der Griechen*, II 1⁴, pp. 54 n. 2 e 56 n.). Este detalhe não histórico pode ter sido acrescentado para alertar o leitor de que Timarco, tal como sua história, é uma fábula (NTI).

lho de Sócrates, seu amigo e companheiro de idade, que havia morrido alguns dias antes. Então, em seu desejo de conhecer a natureza do sinal de Sócrates, Timarco agiu com o entusiasmo do jovem iniciado em filosofia que era: consultando apenas Cebes e eu, desceu à cripta de Trofônio, primeiramente realizando os ritos habituais do oráculo.⁵¹ Ele permaneceu debaixo da terra duas noites e um dia; a maioria das pessoas já havia perdido as esperanças e sua família lamentava sua morte quando ele ressurgiu pela manhã com um semblante radiante.⁵² Obedecendo ao deus, tão logo escapuliu da multidão, passou a nos contar as várias maravilhas vistas e ouvidas”.⁵³

22. “Timarco disse que, ao descer à cripta oracular, sua primeira experiência foi de profunda escuridão; em seguida, após uma prece, ele se deitou por longo tempo sem saber seguramente se estava acordado ou sonhando. No entanto, em certo momento, acreditou ouvir um estrondo e foi atingido na cabeça: suas suturas se separaram libertando-lhe a alma.⁵⁴ Ao sair e se misturar alegremente ao ar translúcido e puro, sentiu de início que agora, após muito tempo apertado, havia encontrado novamente alívio e estava se tornando maior do que antes, espalhando-se como uma vela,⁵⁵ então, ouviu vagamente o zumbido de algo girando acima de sua cabeça com um som agradável.⁵⁶

Quando ergueu os olhos, a Terra não podia mais ser vista; mas ele viu ilhas iluminadas umas pelas outras por fogo suave, assumindo ora uma cor, ora outra, como uma tintura, à medida que a luz variava em suas mudanças. As ilhas pareciam incontáveis em número, enormes em tamanho (embora nem todas fossem iguais) e todas redondas; Timarco presumiu que seus movimentos circulares produziam um zumbido musical no éter, pois a suavidade do som resultante da harmonia de todos os sons separados correspondia à uniformidade de seus movimentos.

No meio das ilhas se estendia um mar ou lago,⁵⁷ por cuja transparência azul as cores passavam em suas migrações; algumas ilhas navegavam em um canal e cruzavam a corrente,⁵⁸ enquanto muitas outras⁵⁹ eram levadas por ela; o próprio mar ficava

⁵¹ Quem desejava consultar o oráculo de Trofônio, na Lebadéia, Beócia, descia por uma caverna e ali esperava que a mensagem divina lhe fosse revelada em sonhos: cf. Pausânias, IX 39 5-14 (NTI).

⁵² E assim contrariando o provérbio “ele consultou o oráculo de Trofônio”, utilizado para pessoas com semblante sombrio (cf. Leutsch & Schneidewin, *Paroem. Gr.* I p. 72 1 e nota) (NTI).

⁵³ É bem comum ouvir, em algum momento das EQMs e afins, a solicitação que o experimentador conte a todas as pessoas o ocorrido. Algumas vezes, o ‘retorno’ à vida física é justificado como uma ‘missão’, cuja natureza consiste exatamente em contar a todos o ocorrido. Esta característica é comum desde ‘o mito de Er’, de Platão, até os nossos dias (NTP).

⁵⁴ Em 1889, no *Jornal de Medicina e Cirurgia de Saint Louis*, o médico A. S. Wiltse descreveu de modo similar o início de sua EQM (NTP).

⁵⁵ Hoje, uma experiência similar é chamada de *embalonamento* nos meios espiritualistas (NTP).

⁵⁶ Trata-se da música das esferas. Aristóteles (*De Caelo* II 9) argumenta que o som seria terrivelmente alto. Mas um movimento suave produziria um som suave, cf. Platão, *Timeu* 67b (NTI).

⁵⁷ O mar e seu movimento circular representam a esfera celeste e seu aparente movimento diurno. Von Arnim, “Plut. über Dämonen u. Mantik”, em *Verh. d. kon. Ak. v. Wet., Afd. Lett. Nieuwe Reeks, Deel XXII*, Amsterdam, 1921, p. 34, considera que o mar representa a Via Láctea (NTI).

⁵⁸ A corrente é o equador celeste (a parte da esfera celeste que tem o movimento aparente mais rápido); as ilhas que o atravessam são os planetas; o canal é o zodíaco (NTI).

⁵⁹ As estrelas fixas (NTI). Historicamente, o que hoje é chamado de experiência fora do corpo (EFC) foi chamado por muitos nomes. Um deles é “viagem astral”; os casos da antiguidade que estudei justificam este

à deriva (por assim dizer) em um círculo, suave e uniformemente. Em alguns lugares, o mar era profundo, principalmente em direção ao sul, mas em outros lugares havia águas e lugares rasos;⁶⁰ e, em várias partes, avançava e novamente recuava, nunca se distendendo muito.⁶¹ Parte dele era da tonalidade pura do alto mar, enquanto alhures a cor não era sem mistura, mas turva e como a de um lago.⁶² Quando alcançavam a crista da onda,⁶³ as ilhas⁶⁴ voltavam – porém, sem retornar ao ponto de partida ou completar um círculo; mas, a cada novo circuito, as ilhas avançavam um pouco além do circuito anterior, descrevendo uma espiral em sua revolução.⁶⁵ O mar que as continha estava inclinado em um ângulo de pouco menos de oito partes do todo⁶⁶ em direção à porção mais central e maior do invólucro circundante,⁶⁷ tal como Timarco percebeu; e o mar tinha duas aberturas que recebiam rios de fogo que se despejavam nele um em frente ao outro, de modo que o mar era forçado para trás, fervendo, e sua cor azul se transformava em branco.⁶⁸

Timarco contemplou todo esse espetáculo com prazer. Todavia, ao olhar para baixo, viu um grande abismo, redondo, como se uma esfera tivesse sido cortada; era horrível e bem profundo, preenchido por uma massa de escuridão que não permanecia parada, mas se agitava⁶⁹ e frequentemente brotava. Vindos dele podiam ser ouvidos inúmeros rugidos e sons de animais, o choro de inúmeros bebês, as lamúrias mis-

nome, pois todos foram ambientados acima ou fora da Terra, com o cosmos ou os astros podendo ser “vistos”. Trata-se de uma clara evidência de sua irrealidade, do caráter onírico lúcido das visões ‘astrais’ - simbólicas e ligadas à cultura em que o experienciador foi formado (NTP).

⁶⁰ As águas e lugares rasos podem representar as nebulosas e a Via Láctea. O grande abismo do sul parece ser o espaço sem estrelas ao redor do polo sul, que havia nos globos gregos (NTI).

⁶¹ O avanço e o recuo podem representar as várias distâncias que separam as estrelas da superfície da esfera: cf. Aécio, II 15 1-2, e Geminus, I 23 com a nota de Manitius. Ou podem ter sido sugeridos pela teoria pitagórica do universo respiratório (cf. Aristóteles, *Física*, IV 6 213b 22-24). Von Arnim (*op. cit.* pp. 34 e s) considera-os como representando as variações na largura da Via Láctea (NTI).

⁶² A cor nublada pertence à região sublunar (NTI).

⁶³ A “onda” pode ser o cinturão delimitado pelos trópicos, assim chamados devido ao seu rápido movimento, ou os próprios trópicos, como sendo as margens do mar planetário mencionado na frase seguinte (NTI).

⁶⁴ Os planetas (NTI).

⁶⁵ A espiral (cf. *A Vida de Phocion*, II 6, 742d e Platão, *Timeu* 39a) representa os caminhos aparentes dos planetas, e resulta de seus próprios movimentos combinados com o movimento diurno aparente da esfera (NTI).

⁶⁶ O mar é o zodíaco. As “oito partes” do todo são oito sexagésimos de um meridiano (para a divisão em sexagésimos, cf. Strabo, II 5 7 pp. 113f.; Manilius, I pp. 561-593; Geminus, V 46; Aquiles, *Isag.* XXVI; e Hyginus, *Astron.* I 6). Isso dá 48°, apenas ligeiramente acima dos valores dados pelos astrônomos para a distância entre os trópicos (cf. T. L. Heath, *Aristarco de Samos*, p. 131, n. 4) (NTI).

⁶⁷ O equador celeste, que “envolve” a eclíptica: cf. Platão, *Timeu* 36c, com a discussão de Cornford. Um certo mistério (apropriado a um mito) resulta da contagem dos arcos interceptados pela eclíptica e pelo equador na cor solsticial ao calcular a inclinação. As palavras “tal como Timarco percebeu” sugerem que o erro é do próprio Timarco. Não encontramos nenhuma medida antiga correspondente a 3° (NTI).

⁶⁸ Sem dúvida, a referência é à Via Láctea; as aberturas estão nas interseções do zodíaco e do círculo galáctico (NTI).

⁶⁹ F. Cumont, *Recherches sur le symbolisme funéraire des Romains* (Paris, 1942), p. 136, n. 3, aponta que *ektarratomenou* (“agitado”) contém uma etimologia comum ao *Tartaros*. Em *Moralia* 940f é dito que se um habitante da lua ouvisse a descrição de Homero do Hades e do Tártaro (*Iliada* XX 65, VIII 16), ele os localizaria em uma região da terra. Cf. também *Moralia* 948e (NTI).

turadas de homens e de mulheres; barulho e tumulto de todo tipo soavam fracamente das profundezas, e tudo isto o deixou um tanto assustado.⁷⁰

Após um intervalo, alguém que ele não viu se lhe dirigiu: ‘Timarco, o que deseja que eu explique?’

‘Tudo’, respondeu; ‘pois o que há aqui que não seja maravilhoso?’

‘Não’, a voz resplicou, ‘das regiões mais elevadas não possuímos⁷¹ senão uma pequena parte, pois elas pertencem aos deuses; mas, se você desejar, investigue a porção de Perséfone, administrada por nós; trata-se de uma das quatro⁷² e é demarcada pelo curso do Estige’.

‘O que é o Estige?’, Timarco perguntou. ‘É o caminho para o Hades’, veio a resposta; ‘passa por você aqui, dividindo a luz com seu vértice; ele segue para cima, como você vê, a partir do Hades abaixo; e no ponto de sua revolução em que toca o mundo da luz, delimita a última região. Há quatro princípios para todas as coisas: o primeiro é o da vida, o segundo é o do movimento, o terceiro é o do nascimento e o último é o da decadência; o primeiro se liga ao segundo pela Unidade no invisível,⁷³ o segundo se liga ao terceiro pela Mente no sol e o terceiro se liga ao quarto pela Natureza na lua.⁷⁴ Moira, filha da Necessidade, detém as chaves e preside cada elo: sobre o primeiro Átropo, sobre o segundo Clóto e sobre o elo na lua Láquesis.⁷⁵ O ponto da virada do nascimento⁷⁶ se dá na lua. Pois, enquanto o restante das ilhas pertence aos deuses, a lua pertence aos demônios terrestres e evita o Estige passando ligeiramente acima dele; no entanto, a lua é atingida uma vez a cada cento e setenta e sete medidas secundárias.⁷⁷ À medida que o Estige se aproxima, as almas gritam de terror, pois muitas escorregam e são levadas para o Hades; outras, cuja cessação do nascimento acaba de ocorrer, nadam de baixo para cima e são resgatadas pela lua,⁷⁸ exceto as idiotas e as imundas. Estas a lua, com relâmpagos e um rugido terrível, proíbe que se aproxi-

⁷⁰ O abismo é o Hades ou a terra, lugar de castigo e oposto ao mundo da luz eterna. Cumont (*op. cit.* p. 56) considera a “esfera cortada” o hemisfério de baixo do universo (NTI).

⁷¹ A voz é presumivelmente de um demônio: cf. 591c abaixo (NTI).

⁷² A primeira se situa fora da superfície da esfera celeste; a segunda se situa entre aquela e o caminho do sol; a terceira se situa entre os caminhos do sol e da lua; e a quarta, “a porção de Perséfone”, situa-se abaixo do caminho da lua, isto é, da sombra da terra, que se dissipa além da lua. A terra é o “Hades” (cf. *Moralia* 942f; a etimologia é “invisível”) e sua sombra é o “Estige” (NTI).

⁷³ A superfície da esfera celestial (NTI).

⁷⁴ Em *Moralia* 943a, a terra fornece o corpo ao homem, a lua sua alma e o sol seu intelecto (NTI).

⁷⁵ Esses últimos quatro nomes se referem a deusas. Moira preside os destinos; as demais são suas auxiliares (NTP).

⁷⁶ Cf. *Moralia* 568e, 745b e 945c. A fonte última é Platão, *Fédon* 12b (NTI).

⁷⁷ Uma medida primária consiste em um “dia” (no primeiro sentido de Geminus, cap. VI 1 p. 68 13f. Manitius), o tempo do nascer ao pôr do sol; uma medida secundária consiste em um “dia” (no segundo sentido de Geminus, cap. VI 1 p. 68 15f. Manitius), o tempo entre dois nasceres sucessivos do sol (cf. também Priscianus Lydus, *Solut. ad Chosroem*, pp. 65 22-26 Bywater). Cento e setenta e sete dias deste último tipo perfazem seis meses lunares. Para eclipses lunares em intervalos de seis meses lunares, cf. *Moralia* 933 d-e, 942 e-f e R. Flacelière in *Revue des Etudes Anciennes*, LIII (1951), pp. 203-221 (NTI).

⁷⁸ A “cessação do nascimento” é a libertação do ciclo de nascimento e de morte (NTI). Curiosamente, mesmo as almas que não têm mais que reencarnar passam por um incômodo periódico, uma inundação, e têm de nadar para permanecerem na lua (NTP).

mem, e lamentando sua sorte tais almas despencam e são levadas para baixo novamente para outro nascimento,⁷⁹ como você vê’.

‘Mas não vejo nada’, disse Timarco; ‘apenas muitas estrelas cintilando sobre o abismo, outras nele afundando e outras novamente ascendendo vindas de baixo’.

‘Então, sem que Timarco o visse’, a entidade respondeu, ‘você vê os próprios demônios. Vou explicar: cada alma participa do entendimento; nenhuma é irracional ou desprovida de inteligência. Mas a porção da alma que se mistura com a carne e as paixões sofre alteração e se torna irracional devido aos prazeres e as dores que experimenta. As almas não se misturam na mesma medida: algumas afundam inteiramente no corpo e, tornando-se totalmente desordenadas, permanecem durante a vida totalmente distraídas pelas paixões; outras almas se misturam em parte, mas deixam de fora o que têm de mais puro. Esta parte não é arrastada com o restante, mas é como uma boia presa ao topo, flutuando na superfície em contato com a cabeça do homem, enquanto este permanece como que submerso nas profundezas; tal pedaço da alma (que fica sempre acima) é maior ou menor de acordo com a obediência e o domínio das paixões.

Ora, a parte mantida submersa⁸⁰ no corpo é chamada de alma, enquanto a parte mantida livre da corrupção é chamada pela multidão de intelecto, que o considera como estando dentro de si assim como as imagens das coisas estão dentro dos espelhos; mas aqueles que concebem o assunto corretamente chamam tal parte de demônio⁸¹ e a tem como externa. Assim, Timarco’, a voz prosseguia, ‘nas estrelas que aparentemente se apagam, compreenda que você vê as almas que afundam inteiramente no corpo; nas estrelas que se iluminam novamente (por assim dizer) e reaparecem vindas de baixo, entenda que você vê as almas que flutuam em retorno após a morte de seu corpo, sacudindo um tipo de penumbra e de escuridão como alguém sacode a lama; enquanto as estrelas que se movem no alto são os demônios dos homens que se diz “possuírem entendimento”.⁸² Veja se você consegue distinguir em cada estrela o modo de sua ligação e união com a alma’.

Ouvindo isso, Timarco prestou mais atenção e viu que as estrelas balançavam, umas mais e outras menos, tal como as boias que observamos flutuando no mar para segurar redes; algumas descreviam uma espiral confusa e irregular, como fusos torcendo um fio, e eram incapazes de reduzir seu movimento a um curso reto e constante. A voz explicou que os demônios cujos movimentos eram retos e ordenados tinham almas que a boa educação e o treinamento haviam tornado submissas às rédeas, e cuja parte irracional não era indevidamente teimosa e rebelde; enquanto os que cons-

⁷⁹ Interessantíssimo método natural e involuntário de reencarnação: o Estige inunda periodicamente a lua, e as almas incapazes de se manterem nela despencam, recebem a vingança divina (vide *Sobre a Demora da Vingança Divina*, também de Plutarco) e acabam por reencarnar, enquanto as que conseguem se manter não precisam mais renascer (NTP).

⁸⁰ Para “submersa”, cf. Platão, *Fédro* 248a (NTI).

⁸¹ Cf. Platão, *Timeu* 90a (NTI).

⁸² A expressão comum *noun echein* significa “ser sensato”, e é aqui tomada em seu sentido literal: “possuir entendimento”. Estritamente falando, todas as almas possuem entendimento, mas o demônio está a explicar uma expressão popular (NTI).

tantemente se desviavam em todas as direções do curso reto em um movimento desigual e confuso, como que puxados por uma corda, lutavam com um caráter refratário e indisciplinado por falta de treinamento, ora prevalecendo sobre ele e girando para a direita, ora cedendo às suas paixões e sendo arrastados por seus erros, apenas para se lhes resistir mais tarde e se lhes opor com força.

Pois, exercendo um puxão contrário no laço, que é como um freio inserido na parte irracional da alma, o demônio aplica o que é chamado de remorso dos erros e vergonha por todos os prazeres desregulados e voluntários (remorso e vergonha são realmente o golpe doloroso infligido por essa fonte na alma enquanto esta é contida por sua parte controladora e governante) até que, a partir de tal correção, a alma, como um animal dócil, torna-se obediente e acostuada às rédeas, não precisando de golpes dolorosos, mas se tornando altamente responsiva ao seu demônio por sinais e signos. ‘Com efeito, as almas corrigidas’, a voz prosseguiu, ‘são conduzidas ao dever e se firmam nele tardia e gradualmente; mas das almas benevolentes, que desde o comecinho e o nascimento são dóceis às rédeas e obedientes ao seu demônio, provém a raça dos adivinhos e dos homens inspirados.

Entre tais almas, você sem dúvida ouviu falar de Hermótimo⁸³ de Clazômenas⁸⁴ - que noite e dia costumava deixar seu corpo inteiramente e viajar por toda parte, retornando após encontrar e testemunhar muitas coisas ditas e feitas em lugares remotos, até que sua esposa o traiu e seus inimigos encontraram seu corpo em casa, desabilitado por sua alma, e o queimaram. Com efeito, a história assim contada não é verdadeira: sua alma não deixava seu corpo, mas dava liberdade ao seu demônio sempre lhe cedendo e afrouxando o laço,⁸⁵ permitindo que se movesse e vagasse à vontade, para que o demônio pudesse ver e ouvir muito do que se passava no mundo externo e voltar com o relato. Os homens que destruíram seu corpo enquanto dormia ainda estão expiando o feito no Tártaro. Desses assuntos, jovem’, disse a voz, ‘você saberá mais daqui a três meses; por enquanto, parta’.

Quando a voz cessou, Timarco desejou se virar (disse ele) e ver quem havia falado. Porém, mais uma vez, ele sentiu uma dor aguda na cabeça, como se esta tivesse sido violentamente comprimida, perdeu todos os sentidos e a consciência do que acontecia ao seu redor; contudo, logo se recuperou e viu que permanecia deitado na cripta de Trofônio, perto da entrada, no mesmo local onde havia se inicialmente se deitado”.

⁸³ Alhures a história fala de Hermótimo de Clazômenas: cf. nota de J. Waszink sobre Tertuliano, *De Anima*, cap, XLIV (Amsterdam, 1947), pp. 475ss (NTI).

⁸⁴ Hermótimo de Clazômenas foi um pré-pitagórico e pré-socrático que, antes de Anaxágoras de Clazômenas, propôs que a natureza possui um intelecto, o *nous*. Aristóteles afirma (*Metafísica* 984b) que Hermótimo sustentou (já no séc. VI aec) que a causa do *cosmos*, a saber, da *ordenação* da natureza (e não de sua criação), é o *nous*: as coisas físicas seriam imóveis, enquanto o *nous* as moveria. Certa tradição afirma que Hermótimo seria capaz de afastar sua alma do corpo, conhecer e retornar; Plínio, o velho, Luciano, Apolônio e, como vemos, Plutarco recontaram essa história (NTP).

⁸⁵ O tema do laço ou cordão que prende a alma ao corpo aparece também em *Sobre a Demora da Vingança Divina*, outra obra de Plutarco (NTP).

23. “Eis o mito de Timarco. Quando ele chegou em Atenas e morreu no terceiro mês, como a voz havia predito,⁸⁶ ficamos surpresos e contamos a história para Sócrates, que nos censurou por recontá-la quando Timarco não estava mais vivo, pois teria ficado feliz em ouvi-la do próprio Timarco e questioná-lo pessoalmente.

Minha posição agora está completa, Teócrito, e você tem o mito junto com o argumento. Mas considere se não devemos também convidar o estrangeiro a participar da investigação, pois esta é muito adequada e apropriada a homens inspirados”.

“Por que Epaminondas não oferece sua contribuição?” perguntou o estranho. “Ele se baseia nas mesmas doutrinas que eu”.

“Esse é o jeito dele, senhor”, disse meu pai com um sorriso: “calado e cauteloso no falar, mas insaciável no aprender e ouvir. Por conta disso, Espíntaro de Tarento, que por muito tempo aqui lhe esteve associado, sempre diz, como você sabe, que em ninguém de sua geração encontrou um homem de maior conhecimento e menos palavras. Você mesmo deve apresentar suas opiniões sobre o que foi dito”.

24. Assim, Theanor disse: “portanto, digo que tomo a história de Timarco como sagrada; ela não deve ser profanada; deve ser dedicada ao deus”.⁸⁷ Quanto ao discurso de Símiás, ficaria surpreso se alguém o considerasse difícil de aceitar; pois cisnes, serpentes, cães e cavalos são chamados de sagrados, mas as pessoas se recusam a crer que os homens são divinos e queridos por Deus (que não deve ser tomado por amante de pássaros, mas de homens). Então, tal como um homem que ama cavalos não dedica o mesmo cuidado a todos os membros da espécie, mas sempre escolhe e separa algum cavalo que considera o melhor, criando-o e treinando por suas virtudes e estimulando-o acima do resto, assim também nossos melhores retiram nossos melhores, como de um rebanho, e nos marcam, honram-nos com uma educação peculiar e excepcional, guiando-nos não por rédeas ou freios, mas por uma linguagem expressa em símbolos completamente desconhecidos da generalidade e do rebanho comum dos homens. Assim também não se passa com a generalidade dos cães que entendem os sinais do caçador, ou dos cavalos os do cavaleiro? São apenas os animais ensinados que aceitam prontamente as ordens de um mero assobio casual ou o cacarejar da língua e fazem o solicitado.

Evidentemente, também Homero conhecia a distinção⁸⁸ de que falamos, pois chama alguns adivinhos de ‘consultores de pássaros’⁸⁹ e de ‘sacerdotes’,⁹⁰ mas pensa que outros indicam o futuro a partir de uma compreensão e consciência de uma conversa real com os deuses. Essas são suas palavras:

⁸⁶ O visionário frequentemente ouve uma predição de sua própria morte: cf. *Moralia* 566d e a nota (NTI).

⁸⁷ G. Lattanzi, II *De Genio Socratis* di Plutarco, p. 64, n. 2, cita Pausânias (IX 39 14): “aqueles que desceram a gruta de Trofônio devem escrever o que viram ou ouviram em uma placa e afixá-la em reconhecimento” (NTI).

⁸⁸ A saber, a distinção estoica entre divinação “artificial”, que interpreta presságios, e a chamada divinação “simples” ou “não ensinada” encontrada em sonhos e inspirações. Cf. Pseudo-Plutarco, *De Vita et Poesi Homeri* II 212, e Cícero, *De Div.* I 6 (11) com nota de Pease (NTI).

⁸⁹ Cf. *Iliada* I 69, VI 76 (NTI).

⁹⁰ Cf. *Iliada* I 62, XXIV 221 (NTI).

‘Aquele conselho que Heleno em seu coração percebeu,
O filho de Príamo, que os deuses alcançaram,
Em sua deliberação’⁹¹

e

‘Tal fala dos deuses imortais eu ouvi’.⁹²

Pois tal como forasteiros percebem e reconhecem a intenção dos reis e generais a partir de faróis, proclamações dos arautos e do clangor das trombetas, ao passo que a confidentes e íntimos aquela é transmitida pelos próprios reis e generais, assim o divino se associa diretamente a poucos, e raramente, mas para a grande maioria dá sinais, dos quais surge a arte chamada divinação. Então, os deuses ordenam a vida de poucos homens apenas, aqueles que desejam tornar supremamente abençoados e verdadeiramente divinos; ao passo que as almas dispensadas do nascimento e doravante afastadas do corpo (por assim dizer, livres para agir à vontade) são, como diz Hesíodo,⁹³ demônios que zelam pelo homem. Pois assim como os atletas que por causa da velhice abandonaram o treinamento não perdem totalmente o ardor e o amor pelas proezas corporais, mas observam com prazer o treino de outros, gritam encorajamentos e correm ao seu lado, assim também aqueles que terminaram as lutas da vida e que, por bravura da alma, tornaram-se demônios, não consideram o que é feito, dito e buscado neste mundo com total desprezo, mas são propícios a quem luta pelo mesmo objetivo, unem-se ao seu ardor e o encoraja e ajuda a alcançar a virtude quando o vê sustentando a luta e quase alcançando o que seu coração deseja.⁹⁴

Pois os demônios não ajudam indiferentemente a todos: quando homens nadam no mar, quem está na praia apenas observa em silêncio os nadadores que ainda estão longe e distantes da terra, enquanto ajuda igualmente com mão e voz aqueles que se aproximam, e corre e caminha ao seu lado para os conduzir à segurança. Assim também, meus amigos, agem os demônios: enquanto estivermos de cabeça para baixo no tumulto dos assuntos mundanos e mudando corpo após corpo (como veículos), eles nos deixam lutar para sair e perseverar sem ajuda, enquanto nos esforçamos por nossas próprias proezas para sairmos seguros e alcançar um porto; mas quando, no curso de incontáveis nascimentos,⁹⁵ uma alma sustenta firme e resolutamente uma longa série de lutas, à medida que seu ciclo se aproxima do fim, ela se aproxima do mundo superior, banhada em suor, em perigo iminente e forçando cada nervo para alcançar a cos-

⁹¹ *Iliada* II VII 44f (NTI).

⁹² *Iliada* II VII 53 (NTI).

⁹³ *Os Trabalhos e os Dias* 122ss; citado também em *Moralia* 361b, 431e (NTI).

⁹⁴ Considerando as doutrinas expostas anteriormente, aqui o coração parece ter sido apresentado como a sede física do intelecto e da vontade (NTP).

⁹⁵ Tese pitagórica rerepresentada na modernidade por Allan Kardec e continuamente sustentada por sua escola teológica chamada de espiritismo. Platão parece ter considerado sua condição a estabilidade populacional; todavia, o crescimento contínuo da população mundial, assim como o avanço do conhecimento demográfico suscitaram dificuldades ainda não satisfatoriamente respondidas (NTP).

ta,⁹⁶ Deus não considera pecado que seu demônio vá ao resgate, mas permite que preste ajuda. Um demônio está ansioso para influenciar uma alma por meio de suas exortações, outro outra, e a alma, por sua vez, tendo se aproximado, pode ouvir e, assim, se salvar; mas se ela não prestar atenção, será abandonada por seu demônio e não terá um final feliz”.

⁹⁶ A palavra *ekbasis*, traduzida aqui como “costa”, significa literalmente “saída”. Deste modo Homero a sugere em a *Odisseia* V 410 (NTI).